

GAY TALESE

# O Voyeur

*Tradução*

Pedro Maia Soares

JORNALISMO  LITERÁRIO  
COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2016 by Gay Talese

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

The Voyeur's Motel

*Capa*

Alceu Chiesorin Nunes

*Preparação*

Mariana Delfini

*Revisão*

Nina Rizzo

Carmen T. S. Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Talese, Gay

O Voyeur / Gay Talese; tradução de Pedro Maia Soares —  
1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

Título original: The Voyeur's Motel

ISBN 978-85-359-2799-3

1. Costumes sexuais — Estados Unidos 2. Foos, Gerald 3. Jornalismo literário 4. Voyeurismo — Estados Unidos — Estudos de caso I. Título.

16-06331

CDD-306.70973

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Estados Unidos : Costumes sexuais : Sociologia 306.70973

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](https://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](https://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/cialettras](https://twitter.com/cialettras)

# Sumário

O VOYEUR .....	9
----------------	---

<i>Posfácio — Gay Talese, a arte da não ficção n. 2</i> .....	225
---	-----

# 1.

Conheço um homem casado, com dois filhos, que comprou um motel de 21 quartos perto de Denver, há muitos anos, a fim de se tornar um voyeur-residente.

Com a ajuda de sua esposa, ele fez buracos retangulares no teto de uma dúzia de quartos, cada um medindo quinze por 35 centímetros. Depois, cobriu as aberturas com persianas de alumínio que simulavam grelhas de ventilação, mas eram, na verdade, aberturas de observação que lhe permitiam, quando ele se ajoelhava ou ficava de pé no espesso carpete do sótão, sob o telhado de duas águas do motel, ver os hóspedes nos quartos abaixo de si. Ele os observou durante décadas, mantendo um registro escrito quase que diário do que via e ouvia — e nunca, nenhuma vez, em todos esses anos, foi descoberto.

Tomei conhecimento pela primeira vez desse sujeito depois de receber uma carta registrada escrita à mão, sem assinatura, datada de 7 de janeiro de 1980, enviada para minha casa em Nova York. Ela dizia:

*Prezado sr. Talese:*

*Sabendo de seu muito aguardado estudo sobre o sexo de costa a costa nos Estados Unidos, que será incluído em seu livro prestes a ser publicado, A mulher do próximo, sinto que tenho informações importantes com as quais eu poderia contribuir para o conteúdo deste ou de um livro futuro.*

*Deixe-me ser mais específico. Sou proprietário de um pequeno motel de 21 unidades na área metropolitana de Denver. Tenho esse motel há quinze anos e, devido à sua característica de classe média, ele acabou por atrair pessoas de todos os tipos e idades e abrigar como hóspedes uma generosa amostra para estudo de corte transversal da população americana. Comprei esse motel para satisfazer minhas tendências voyeurísticas e meu interesse irresistível pelo modo como as pessoas se conduzem em todas as fases de suas vidas, tanto social como sexualmente, e para responder à velha pergunta sobre “como as pessoas se comportam sexualmente na privacidade de seu próprio quarto”.*

*A fim de alcançar esse objetivo, comprei esse motel, administrei-o pessoalmente e desenvolvi um método infalível para observar e ouvir as interações da vida de diferentes pessoas, sem que elas jamais soubessem que alguém as estava assistindo. Fiz isso puramente por minha curiosidade ilimitada sobre as pessoas, e não como apenas um voyeur insano. Isso foi feito durante os últimos quinze anos; mantive um registro detalhado da maioria dos indivíduos que observei e compilei estatísticas interessantes sobre cada um, isto é, o que foi feito, o que foi dito, suas características individuais, idade e tipo de corpo, parte do país de onde vieram e seu comportamento sexual. Esses indivíduos eram de todas as classes, idades, origens. O empresário que leva sua secretária a um motel na hora do almoço, o que é em geral classificado como “almoço executivo” no ramo dos*

*motéis. Casais que viajam de estado em estado, a negócios ou em férias. Casais que não são casados, mas moram juntos. Mulheres que traem seus maridos e vice-versa. Lesbianismo, sobre o qual fiz um estudo pessoal devido à proximidade do motel a um hospital do Exército americano e às enfermeiras e mulheres militares que trabalhavam no hospital. Homossexualidade, pela qual eu tinha pouco interesse, mas mesmo assim observava para determinar a motivação e o procedimento. A parte final dos anos 1970 trouxe outro desvio sexual para o primeiro plano, a saber, “sexo grupal”, ao qual assisti com grande interesse.*

*A maioria das pessoas classifica o acima exposto como desvio sexual, mas, uma vez que esses atos são praticados tão comumente por uma parcela da população, eles deveriam ser reclassificados como interesses sexuais. Se os pesquisadores do sexo e as pessoas em geral pudessem ter a capacidade de perscrutar a vida privada das outras pessoas, ver isso praticado e realizado e verificar exatamente como é grande a porcentagem de pessoas normais que se entregam a esses supostos desvios, suas opiniões mudariam de imediato.*

*Vi a maioria das emoções humanas, com todo o seu humor e sua tragédia, levadas até o fim. Sexualmente, testemunhei, observei e estudei o melhor tipo de sexo em primeira mão, sem ensaio, fora do laboratório, e a maioria dos outros desvios sexuais imagináveis, nestes últimos quinze anos.*

*Meu principal objetivo em lhe fornecer essas informações confidenciais é a crença de que elas poderiam ser valiosas para as pessoas em geral e para os pesquisadores do sexo em particular.*

*Além disso, tenho vontade de contar essa história, mas não sou suficientemente talentoso e tenho medo de ser descoberto. Espera-se que essa fonte de informações possa ser útil para acrescentar uma perspectiva adicional aos seus outros recursos no desenvolvimento de seu livro ou de livros futuros. Se essas*

*informações não lhe são úteis, talvez você possa me colocar em contato com alguém que poderia usá-las. Se estiver interessado em obter mais informações ou se quiser conhecer meu motel e suas operações, por favor, escreva para minha caixa postal abaixo ou me avise como posso contatá-lo. No momento, não posso revelar minha identidade, devido a meus interesses comerciais, mas a revelarei quando puder me assegurar de que essas informações serão mantidas em total confidencialidade.*

*Espero receber uma resposta sua. Obrigado.*

*Atenciosamente,  
a/c Caixa Postal 31450  
Aurora, Colorado  
80041*

Depois de receber essa carta, deixei-a de lado por alguns dias, sem saber como responder, ou mesmo se devia responder. Estava profundamente perturbado pela maneira como ele violara a confiança de seus clientes e invadira a privacidade deles. E, na posição de escritor de não ficção que faz questão de usar nomes verdadeiros em artigos e livros, soube de imediato que não aceitaria sua condição de anonimato, embora, tal como sugeria a carta, ele tivesse pouca escolha. Para evitar a prisão, além dos processos judiciais que o levariam provavelmente à falência, tinha de reservar para si a privacidade que negava a seus hóspedes. Um homem desse tipo poderia ser uma fonte confiável?

Ainda assim, ao reler algumas de suas frases manuscritas — “Fiz isso puramente por minha curiosidade ilimitada sobre as pessoas, e não como apenas um voyeur insano” e “mantive um registro detalhado da maioria dos indivíduos que observei” — reconheci que seus métodos de pesquisa e motivos eram semelhantes aos meus em *A mulher do próximo*. Eu havia, por exem-

plo, feito anotações particulares enquanto gerenciava casas de massagem em Nova York e ao conviver com swingers na comunidade de nudismo de Sandstone Retreat, em Los Angeles; e em meu livro de 1969 sobre o *New York Times*, *O reino e o poder*, minha frase de abertura era: “Em sua maioria, os jornalistas são incansáveis voyeurs que veem os defeitos do mundo, as imperfeições das pessoas e dos lugares”. Mas as pessoas que observei e sobre as quais escrevi haviam dado o seu consentimento.

Quando recebi essa carta, em 1980, faltavam seis meses para a publicação de *A mulher do próximo*, mas já se havia falado muito a respeito do livro. O *New York Times* publicara na edição de 9 de outubro de 1979 a notícia de que a United Artists acabara de comprar os direitos de filmagem do livro por 2,5 milhões de dólares, quantia superior ao recorde anterior, de *Tubarão*, cujos direitos foram vendidos por 2,15 milhões de dólares.

Um excerto de *A mulher do próximo* fora publicado na *Esquire* no início dos anos 1970, e mais tarde saíram outros trechos em dezenas de revistas e jornais. Foi meu método de pesquisa que atraiu a atenção jornalística — gerenciar casas de massagem em Nova York, avaliar o ramo do comércio sexual em pequenas e grandes cidades de todo o Meio-Oeste, Sudoeste e Sul profundo, e também coletar dados em primeira mão como fiz ao viver como nudista durante meses no Sandstone Retreat para swingers, em Topanga Canyon, Los Angeles. Ao ser publicado, o livro logo chegou à lista dos mais vendidos do *Times*; permaneceu em primeiro lugar por nove semanas consecutivas e vendeu milhões de exemplares nos Estados Unidos e no exterior.

Quanto a saber se meu correspondente do Colorado era, em suas próprias palavras, “um voyeur insano” — evocativo do dono do Bates Motel em *Psicose*, de Alfred Hitchcock; ou do fotógrafo assassino de *A tortura do medo*, de Michael Powell; ou, em vez disso, um homem inofensivo de “curiosidade ilimitada”, como o



fotojornalista preso à cadeira de rodas interpretado por James Stewart em *Janela indiscreta*, de Hitchcock; ou mesmo um simples fabulista —, eu só descobriria se aceitasse o convite do homem do Colorado para conhecê-lo pessoalmente.

Como estava planejando ir a Phoenix no final do mês, decidi enviar-lhe um bilhete com meu número de telefone, oferecendo-me para fazer uma parada no aeroporto de Denver no meu caminho de volta a Nova York, e propus que nos encontrássemos no setor de retirada de bagagens às quatro horas da tarde de 23 de janeiro. Alguns dias mais tarde, ele deixou uma mensagem na minha secretária eletrônica dizendo que estaria lá — e lá estava ele, emergindo da multidão de pessoas à espera e alcançando-me quando me aproximei da esteira de bagagens.

“Bem-vindo a Denver”, disse ele, sorrindo, enquanto segurava com a mão esquerda no ar o bilhete que eu lhe enviara. “Meu nome é Gerald Foos.”

Minha primeira impressão foi que aquele amável estranho se assemelhava a pelo menos metade dos homens com quem eu voara na classe executiva. Provavelmente em seus quarenta e poucos anos, Gerald Foos tinha pele clara, olhos castanhos, talvez 1,80 metro de altura e estava um pouco acima do peso. Usava um casaco de lã ocre desabotoado e uma camisa social de colarinho aberto que parecia pequena demais para seu pescoço grosso e musculoso. De rosto limpo, tinha cabelos pretos bem aparados e repartidos de um lado e, por trás das armações grossas de seus óculos de aros de tartaruga, projetava uma expressão invariavelmente amistosa, digna de um dono de motel.

Depois que apertamos as mãos e trocamos cortesias, enquanto aguardávamos minha bagagem, aceitei o convite para ser seu hóspede no motel por alguns dias.

“Vamos colocá-lo em um dos quartos que não me oferece privilégios de visualização”, disse ele, com um sorriso jovial.

“Tudo bem”, disse eu, “mas poderei acompanhá-lo enquanto você observa as pessoas?”

“Sim”, disse ele. “Talvez hoje à noite. Mas só depois que Viola, minha sogra, for dormir. Ela é viúva e trabalha conosco, e fica num dos quartos do nosso apartamento atrás da recepção. Minha esposa e eu tomamos o cuidado de esconder dela o nosso segredo, e a mesma coisa vale, naturalmente, para nossos filhos. O sótão onde estão localizadas as aberturas de observação está sempre trancado. Só minha mulher e eu temos as chaves. Como mencionei em minha carta, nenhum hóspede jamais suspeitou de que estava sob observação nos últimos quinze anos.”

Então tirou do bolso um pedaço dobrado de papel de carta e o entregou para mim. “Espero que você não se importe de ler e assinar isto”, disse ele. “É o que me permitirá ser completamente franco com você, e não terei nenhum problema em mostrar-lhe o motel.”

O documento de uma página cuidadosamente datilografada declarava que eu nunca o identificaria pelo nome em meus escritos, nem associaria publicamente seu motel a qualquer informação que ele compartilhasse comigo enquanto não fosse autorizado a tanto. Tratava-se basicamente de uma repetição das preocupações manifestadas em sua carta de apresentação. Depois de ler o documento, assinei-o. O que importava? Eu já tinha decidido que não escreveria sobre Gerald Foos sob essas restrições. Tinha ido a Denver apenas para conhecer aquele homem de “curiosidade ilimitada sobre as pessoas” e para satisfazer minha própria curiosidade ilimitada a respeito dele.

Quando minha bagagem chegou, ele insistiu em carregá-la, e então o segui pelo terminal até o estacionamento e, finalmente, em direção a um reluzente Cadillac preto. Depois de colocar minha bagagem no porta-malas e me convidar a sentar no banco do passageiro, ele ligou o motor. Respondeu ao meu elogio do carro

dizendo que também tinha um Lincoln Continental Mark v novo, mas orgulhava-se principalmente de seus três Thunderbirds idosos — um conversível 1955 e dois cupês 1956 e 1957. Acrescentou que sua esposa Donna tinha um sedã Mercedes-Benz 220S vermelho 1957.

“Donna e eu estamos casados desde 1960”, disse ele, indo em direção à saída do aeroporto para pegar a rodovia que nos levaria ao motel, localizado na cidade suburbana de Aurora. “Donna e eu frequentamos a mesma escola numa cidade chamada Ault, pouco mais de cem quilômetros ao norte daqui. Tinha uns 1300 habitantes, em sua maioria agricultores e criadores de gado.” Seus pais tinham uma fazenda de 65 hectares e eram americanos de origem alemã. Ele os descreveu como pessoas trabalhadoras, confiáveis e de bom coração, que faziam qualquer coisa por ele — “exceto discutir sexo”. Todas as manhãs sua mãe se vestia no closet do quarto de seus pais, e ele nunca viu qualquer um deles demonstrar interesse por sexo. “E assim, sendo muito curioso a respeito de sexo já no comecinho da adolescência — com todos aqueles animais da fazenda em volta, como evitar pensar em sexo? —, fui olhar em volta para aprender alguma coisa sobre a vida privada das pessoas.”

“Não precisou ir muito longe”, disse ele, dirigindo o carro lentamente pelo tráfego suburbano. Numa casa de fazenda ao lado da de seus pais, a uns setenta metros de distância, morava Katheryn, uma das irmãs casadas mais moças de sua mãe. Quando ele começou a observar tia Katheryn, ela estava provavelmente com trinta e poucos anos e, conforme sua descrição, tinha “seios grandes, um corpo magro e atlético e cabelos vermelhos flamejantes”. Ela costumava andar nua em seu quarto à noite, com as luzes acesas, as persianas dobradas para baixo, e ele espreitava debaixo do parapeito da janela — “uma mariposa atraída pela chama” —, ficava escondido ali, em silêncio, por uma hora ou

mais, olhando e se masturbando. “Por causa dela eu comecei a me masturbar.”

Fez isso por cinco ou seis anos e nunca foi pego. “Minha mãe às vezes me via esgueirando-me e perguntava: ‘Onde você vai a essa hora?’, e eu dava alguma desculpa, dizendo, por exemplo, que ia dar uma olhada em nossos cães, porque parecia que havia coitotes lá fora.” Então se esgueirava até a janela da tia Katheryn, com a esperança de que ela estivesse andando ou sentada nua, talvez diante da penteadeira organizando sua coleção de bonecas de porcelana em miniatura da Alemanha, ou sua valiosa coleção de dedais que ficava guardada num pequeno armário de madeira pendurado na parede do quarto.

“Às vezes seu marido estava lá, meu tio Charley, geralmente mergulhado em sono profundo. Ele bebia muito e eu tinha certeza de que não acordaria. Uma vez, eu os vi fazendo sexo e isso me deixou perturbado. Fiquei com ciúmes. Ela era *minha*, pensei. Eu tinha visto mais do seu corpo do que ele. Sempre achei que ele era um sujeito grosseiro que não a tratava bem. Eu estava apaixonado por ela.”

Continuei ouvindo sem comentar, embora estivesse surpreso com a franqueza de Gerald Foos. Eu o conhecia há não mais de meia hora e ele já estava me falando de suas fixações masturbatórias e das origens de seu voyeurismo. Como jornalista e curioso, não me lembro de ter encontrado alguém que exigisse menos de mim do que ele. Demorei anos para conquistar a confiança do lugar-tenente da Máfia Bill Bonanno, tema de meu livro *Honra teu pai*, anos escrevendo cartas, visitando seu advogado, jantando com ele off-the-record. Por fim, conquistei sua confiança, convenci-o a romper o código de silêncio da Máfia, conheci sua esposa e seus filhos. Mas Gerald Foos não tinha essa hesitação. Encarregou-se de toda a conversa, enquanto eu, aquele que assinara um termo de confidencialidade, escutava no carro. O carro era seu confessionário.

“Não fiz sexo quando estava na escola”, continuou ele, “mas naquela época quase ninguém fazia. Como disse, conheci minha futura esposa lá, mas Donna e eu não namoramos. Ela estava dois anos atrás de mim. Era estudiosa, sossegada e bem bonita, mas eu estava interessado em uma das líderes de torcida do nosso time de futebol americano. Eu era um *running back* muito bom. Durante uns dois anos namorei essa líder de torcida, uma garota linda chamada Barbara White. Seus pais tinham um restaurante na rua principal. Sem sexo, como eu disse, mas a gente se abraçava e se beijava muito depois da escola, no banco da frente da minha camionete Ford 48. Uma noite, estávamos estacionados atrás da casa de bombas, no extremo norte da cidade, e tentei tirar seus sapatos. Queria ver seus pés. Ela tinha mãos adoráveis e um corpo esbelto — ainda estava usando seu uniforme de líder de torcida — e eu só queria ver e segurar seus pés. Ela não gostou. Quando insisti, ela ficou realmente furiosa e pulou para fora da camionete. Então, arrancou o colar que prendia meu anel do pescoço e o jogou em mim.

“Não a segui até em casa”, disse ele. “Sabia que estava acabado. Ela me viu no dia seguinte na escola e tentou dizer alguma coisa, mas não importava. Eu tinha perdido a confiança dela. Não poderia reconquistá-la. Nosso relacionamento tinha acabado. Fiquei triste, confuso e um pouco frustrado. Foi perto do fim do meu último ano. Eu precisava ir embora. Não sabia nada sobre as pessoas. Decidi entrar na Marinha.”

Gerald Foos contou que passou os quatro anos seguintes servindo no Mediterrâneo e no Extremo Oriente, período em que fez treinamento de especialista em demolição subaquática e, quando estava de licença em terra, ampliou seu conhecimento sobre sexo sob a orientação de garotas de programa. “Meu voyeurismo abrandou”, Gerald escreveu mais tarde. “Houve algumas ocasiões em que voltei a ser voyeur, mas eu estava em geral participando de

tantas aventuras sexuais quanto possível. Foi um tempo de aprendizado e experiência para mim, e aproveitei minhas viagens com a Marinha para descobrir tanto quanto fosse possível. Trabalhei no mar durante dois anos, viajando de porto em porto e visitando todas as casas de prostituição da região do Mediterrâneo e do Extremo Oriente. Foi ótimo, mas eu ainda estava à procura de respostas e queria conhecer a questão complexa do que se passa na vida privada. Minha solução absoluta para a felicidade era poder invadir a privacidade dos outros sem que soubessem.”

Mas também continuou a se masturbar se lembrando da tia Katheryn, disse ele, acrescentando: “Há uma determinada imagem dela, nua em seu quarto, acariciando uma de suas bonecas de porcelana, que não sai da minha cabeça e ficará provavelmente para sempre nela”.

Seu comentário me lembrou da cena bem conhecida de *Cidadão Kane*, de 1941, em que o sr. Bernstein (interpretado por Everett Sloane) conta a um repórter: “Um sujeito lembrará de um monte de coisas que você não imagina que ele seria capaz de lembrar. Veja o meu caso. Um dia, em 1896, eu estava atravessando para Jersey de balsa e, quando nós partimos, havia uma outra balsa chegando, e nela havia uma garota esperando para descer. Estava de vestido branco e carregava uma sombrinha branca, e só a vi por um segundo e ela nem me viu — mas aposto que desde então não se passa um mês sem que eu não pense nessa garota”.

Pouco antes de Gerald Foos dar baixa da Marinha, em 1958, quando estava visitando os pais em Ault, sua mãe disse que havia recentemente encontrado na Main Street uma de suas colegas de colégio — Donna Strong, que agora estudava enfermagem em Denver. Gerald contatou Donna imediatamente (sua amiga líder de torcida, Barbara, já estava casada), e logo Gerald e Donna começaram um relacionamento que os levou ao casamento em 1960.

A essa altura, Donna já tinha um emprego em tempo integral de enfermeira num hospital na comunidade suburbana de Aurora, enquanto Gerald trabalhava como auditor de campo na sede de Denver da Conoco, uma empresa petrolífera. Contou que era um emprego horrível em que passava o dia sentado num cubículo ajudando a manter os registros dos níveis de estoque dos tanques de petróleo no Colorado e em estados vizinhos. Sua principal fuga do tédio acontecia durante suas “excursões voyeurísticas” noturnas ao redor de Aurora, onde ele e Donna alugaram um apartamento não muito longe do hospital. Geralmente a pé, embora às vezes de carro, ele saía à noite pelos bairros e aproveitava que certas pessoas não se preocupavam em fechar as persianas ou não eram tão cuidadosas ao tentar evitar olhares intrusivos em seus quartos. Ele disse que não fazia segredo de seu voyeurismo para Donna.

“Antes mesmo de nosso casamento, eu lhe contei que era obsessivamente curioso a respeito das pessoas e que gostava de observá-las quando não sabiam que eu estava olhando. Disse que achava isso excitante e que me dava uma sensação de poder, e que havia muitos homens como eu no mundo.” Ela pareceu entender isso, disse ele, e certamente não ficou chocada com sua confissão. “Acho que o fato de ser enfermeira tornou as coisas mais fáceis para mim. Donna e a maioria das enfermeiras são pessoas de mente muito aberta. Já viram de tudo — morte, doença, dor, distúrbios de toda espécie, e é preciso muita coisa para chocar uma enfermeira. Pelo menos Donna não ficou chocada.” Não só isso, continuou ele, como chegou o acompanhá-lo algumas vezes em suas excursões voyeurísticas e, depois de uma noite em que compartilharam cenas de preliminares ou de cópulas que achou interessante, até mesmo estimulante, ela perguntou: “Você faz anotações sobre o que vê?” “Nunca pensei nisso”, ele respondeu. “Talvez devesse”, disse ela. “Vou pensar nisso”, disse ele; e logo começou a

escrever um diário que, na década de 1970, viria a ter várias centenas de páginas, com quase todas as suas anotações centradas no que ele viu (e, às vezes, no que Donna viu com ele) depois de terem comprado juntos o Manor House Motel, no número 12 700 da East Colfax Avenue, em Aurora.

“Estamos chegando ao nosso motel”, disse Gerald Foos, enquanto continuava a dirigir pela East Colfax Avenue, passando por um bairro de operários brancos de prédios baixos — lojas, casas, um estacionamento para trailers, um Burger King, uma oficina de automóveis e um antigo cinema Fox que lembrou Foos de um de seus filmes favoritos, *A última sessão de cinema*. Colfax era uma via importante, a principal rua leste-oeste da região. Especialmente em seu trecho em Denver, Colfax era uma avenida célebre, chamada uma vez pela *Playboy* de a “rua mais longa e depravada dos Estados Unidos”. Gerald disse que havia 250 motéis ao longo da Colfax. Passamos pelo Riviera Motel, de dois andares, que Foos manifestou interesse em comprar um dia (disse que havia inicialmente visitado o Riviera para dar suas espiadelas, espreitando o estacionamento e as janelas iluminadas dos quartos do térreo); mas em vez disso decidiu comprar o Manor House, térreo, porque tinha um telhado de duas águas com altura de aproximadamente 1,80 metro no centro — o suficiente para que ele pudesse andar de pé no sótão; e, se criasse aberturas discretas no teto dos quartos, poderia observar as cenas abaixo de si.

Logo abordou o proprietário do Manor House, um homem idoso e com saúde debilitada chamado Edward Green, e acertou ao supor que o sr. Green estava ansioso para vendê-lo; assim, Foos prontamente adquiriu a propriedade por 145 mil dólares. De entrada, Foos contou que deu cerca de 25 mil que havia economizado da herança do avô paterno e outros 20 mil da venda de uma casa em Aurora que Donna e ele tinham comprado no terceiro ano de casamento.



“Donna não ficou muito feliz por deixar nossa casa e ir morar nos aposentos de gerente do motel, mas prometi a ela que compraríamos outra casa assim que pudéssemos. Também concordei com Donna que ela não largaria sua carreira de enfermeira, que ela adorava, para trabalhar em tempo integral numa recepção. Foi quando pus sua mãe Viola em cena, para nos ajudar a administrar o lugar. O pai de Donna abandonara a família quando ela era menina. Era um músico talentoso, além de carpinteiro habilidoso, mas bebia. Depois que nos casamos, aparecia de vez em quando e implorava por empréstimos que nunca pagava. Lembro que uma vez ele foi ao nosso apartamento e Donna lhe deu todo o dinheiro que havia em sua bolsa, mais de cinquenta dólares, creio eu. Depois que ele saiu, peguei meus binóculos e observei da janela ele atravessar a rua e se dirigir para a loja de bebidas mais próxima.”

Foos diminuiu a marcha na East Colfax Avenue, fez uma curva à direita na Scranton Street e entrou à esquerda na área de estacionamento do Manor House Motel, uma construção de tijolos pintados de verde com portas cor de laranja nos seus 21 quartos de hóspedes.

“Parece que estamos quase lotados”, disse ele, ao olhar pelo para-brisa e notar que quase todos os espaços demarcados em branco diante das portas cor de laranja estavam ocupados por veículos. Estacionou então ao lado de uma construção menor adjacente, que consistia de um escritório de duas salas, os aposentos da família e, mais adiante, três quartos separados com portas cor de laranja numerados 22, 23 e 24, cada um com uma área de estar e uma pequena cozinha.

Enquanto eu seguia Foos, que carregava minha bagagem, fomos recebidos no escritório por Donna, uma loira baixinha, de olhos azuis, vestida com seu uniforme de enfermeira. Depois de me cumprimentar, explicou que estava a caminho do hospital; ia

trabalhar no turno da noite, mas esperava me ver pela manhã. Sua mãe, Viola, uma mulher de óculos e cabelos grisalhos que estava sentada a uma mesa falando ao telefone, acenou e sorriu na minha direção, e acenou de novo quando saí com Foos, andando por um estreito caminho de pedra até onde eu iria ficar, no quarto 24, na extremidade da construção menor.

“Este lugar está mais silencioso do que o habitual”, disse Foos. “Nenhum de nossos filhos está morando aqui, agora. Nosso filho, Mark, é calouro na Escola de Minas do Colorado, e Dianne, que nasceu com uma doença respiratória, teve de abandonar a escola para se tratar numa clínica do hospital. Donna a visita sempre entre as rondas, e eu também vou lá regularmente, em geral no período da manhã.”

Foos largou a minha bagagem diante do quarto 24 e, depois de abrir a porta com a chave, ligou o ar-condicionado e pôs minha bagagem perto do armário.

“Por que você não desfaz a mala e descansa por um tempo”, disse ele, “e em uma hora o chamo e vamos a esse ótimo restaurante novo, o Black Angus? Depois disso podemos voltar e fazer um pequeno tour pelo sótão.”